

## **CULTURA E PODER EM PORTUGAL NO SÉCULO XVI: AS TROVAS DE BANDARRA**

*Leandro Henrique Magalhães<sup>1</sup>*

Gonçalo Annes Bandarra foi um sapateiro que viveu em Trancoso, uma comunidade cristã-nova da região da Beira, no início do século XVI, e que, posteriormente, foi identificado como fundador do sebastianismo e profeta da Restauração Portuguesa<sup>2</sup>. Nasceu por volta de 1500 e, a partir de 1541, data da realização do auto inquisitorial pelo qual foi condenado, não se tem mais informações sobre ele. O motivo que o levou a ser perseguido pelo Tribunal do Santo Ofício fora seu envolvimento com um grupo de judaizantes, com sede em Lisboa e ramificações por todo o reino<sup>3</sup>. Fora acusado de possuir ascendência judaica, embora nunca ficasse provado. Tal posição poderia ser considerada, em num primeiro momento, como negativa para o sapateiro, pois os cargos e honras estavam vinculados a pureza do sangue e da inexistência de defeitos mecânicos, ou seja, que não realizasse atividades manuais<sup>4</sup>. No entanto, acreditamos que esse lugar social favoreceu a aceitação da sua obra, tanto na comunidade em que vivia quanto nas posteriores releituras que foram realizadas de suas Trovas.

Ao considerarmos a complexidade de clivagens e de clientelismos existentes na sociedade lusitana do século XVI, podemos encontrar pistas sobre o papel ocupado por Bandarra na Vila de Trancoso. Partimos de sua profissão, sapateiro, pertencente à classe dos mesterais, categoria heterogênea que incluía desde os oficiais mecânicos até os almocreves e pescadores<sup>5</sup>. Os mesterais eram, em sua maioria, uma população subjugada pelos comerciantes e pela aristocracia local, afastados da administração pública para melhor serem controlados, principalmente no tabelamento de seus produtos e serviços<sup>6</sup>. No entanto, os mesteres poderiam participar das sessões das Câmaras e, em alguns casos, tinham direito à voz, dependendo sempre do nível de sua organização.

Sua atuação na administração pública foi legalizada no início do século XVI, depois de oposição inicial dos vereadores<sup>7</sup>. Apesar da dificuldade de influenciarem diretamente nas Câmaras, exerciam certa autoridade local, pois socialmente estavam acima

dos assalariados e do grande número de pobres, marginais e vagabundos que compunham a sociedade lusa<sup>8</sup>. Alguns elementos demonstram a importância que um sapateiro podia adquirir: seu papel na estrutura militar, sua participação nas confrarias e casas de misericórdias e as entradas régias.

Apesar da profissão garantir um lugar de destaque para Bandarra na vila, o mesmo não ocorria em relação à elite portuguesa, que considerava os sapateiros pessoas de baixa posição, pois não deixavam de exercer um ofício mecânico, situação que causava constrangimento aos leitores da obra de Bandarra e a necessidade de justificar-se. Na maioria das vezes partia-se da crença da humildade do profeta, pois era costume de Deus utilizar-se de instrumentos imperfeitos para revelar seus desígnios, segundo o Evangelho de São Mateus<sup>9</sup>: “Eu te bendigo, pai, senhor do céu e da terra, porque escondestes estas coisas aos sábios e entendidos e as revelastes aos pequenos<sup>10</sup>”.

Antonio Vieira, que considerava a obra de Bandarra como escrito profético, tendo utilizado-a como instrumento para justificar a subida ao trono de D. João IV<sup>11</sup>, afirmava que era comum Deus utilizar-se dos mais simples para revelar sua palavra. Assim fizera com Seu próprio filho, que era carpinteiro, e com os apóstolos que o seguiram, em sua maioria pescadores, e com São Paulo, que era sapateiro<sup>12</sup>. Vieira alegava ainda que Deus inspirara as profecias de Bandarra, e não seu estilo, o que justificava o uso de palavras simples e toscas, com metáforas baixas para tratar de algo tão grande, como o estabelecimento do reino de Deus na Terra<sup>13</sup>.

Também D. João de Castro, ao falar de Bandarra, lembra a escolha que Deus faz dos pequenos para anunciar ao seu povo Seus desígnios:

*A quem Deos, que nada se despreza de pequenos, escolho, dandolhe dom de profecia, com que profetizou a conquista da Casa Sancta, & de toda a terra: auniversal promulgaçam do Evangelho por toda ella: o triumpho universal da cristandade de todos inimigos da igreja. Prometendo a El-Rey Dom Sebastiam & ao seu reyno de Portugal a melhor parte. Falla altissimos mysterios do dito senhor, dos seus, de estrangeiros, & da paz & liga geral entre os principes christaos, contra os infieis (p.02)<sup>14</sup>.*

São freqüentes as referências bíblicas sobre a humildade do profeta, como a que aparece em Isaías, 53, quando diz que muitos duvidariam do enviado por ser pobre e não possuir riquezas, ou nas profecias de Daniel, sobre o Quinto Império, onde afirma que Deus daria o Seu reino até para o mais humilde de Seus súditos<sup>15</sup>. Neste caso, Ele utilizava elementos imperfeitos para revelar as obras perfeitas, o que favorecia a aceitação, por parte de letrados, da obra de Bandarra, cheio de graça e ouvido por gente humilde e letrada<sup>16</sup>. Só um homem com este perfil poderia interpretar a Bíblia e dizer coisas profundas.

Era comum, ainda, a confusão entre os mesterais, em especial os sapateiros, com o profeta ou até mesmo o messias, como no caso de Luís Dias, alfaiate de Setúbal, considerado por muitos como messias e confundido com sapateiro por D. Henrique, em carta enviada a Roma. Muitos foram os sapateiros com fortes vínculos religiosos<sup>17</sup>, como o Rabi Hanina e Rabi Oshayah, santos preferidos por Deus, segundo o Talmu, o pai de Matusalém, Enoque, São Cipriano e São Crispim, segundo a hagiografia cristã<sup>18</sup>. Há ainda outros vínculos importantes entre sapateiros, videntes ou messias: é o caso do aparecimento de um suposto messias, queimado em 1452, denominado Judeu do Sapato, referência dada a David Há-Reubeni. Para Elias Lipiner, há aqui uma referência da tradição popular deformada, tendo em vista que sapato pode ser corruptela de Safed, centro cabalista da antiga palestina, ou Sabath, *que guarda o sábado*. Em suma, a denominação judeu de Safed, ou judeu de Sabath, levou à formação da alcunha judeu do Sapato<sup>19</sup>.

O fato de ser confundido com judeu e ser sapateiro embaraça os leitores de Bandarra que, entretanto, não escondia sua profissão, mas a destacava, fazendo comparações e utilizando metáforas próprias do seu ofício. Destaca os conflitos e a clivagem social que existia em Portugal, principalmente ao tratar de posições que estavam no limite de um estado para outro, o que demonstrava a existência de tensões. Na Introdução das Trovas, Bandarra ao mesmo tempo exalta sua sabedoria e adverte sobre a degeneração do mundo, à medida que um sapateiro saberia mais do que nobres e

religiosos. Na citação a seguir, afirma que, assim como os Bacharéis e Procuradores, ele também era oficial, porém seu trabalho era realizado com melhor qualidade:

V  
*Também sou oficial  
Sei um pouco de cortiça  
Não vejo fazer justiça  
A todo o mundo em geral.*

VI  
*Que agora a cada qual  
Sem letras fazem Doutores,  
Vejo muitos julgadores,  
Que não sabem bem, nem mal.*

VII  
*Borzeguins para calçar  
Hão-de ser de cordovões  
Notários, Tabaliães  
Tem o tento em apanhar.*

É importante ressaltar que as referências remetem aos membros da sociedade lusitana que, de alguma forma, podiam ameaçar a posição social de um sapateiro; Bandarra defendendo a manutenção da clivagem social lusitana que favorece a grande nobreza. Na passagem seguinte, Bandarra critica a nobreza lusitana, não a de sangue, mas aquela de linhagem duvidosa, formada a partir da compra dos títulos. Ele utilizando elementos de sua profissão para dar clareza às suas idéias:

XI  
*Há-de ser bem assentada  
A obra dos chapins largos,  
A linhagem dos Fidalgos  
Por dinheiro é trocada.*

XV  
*Sei também mui bem coser  
Uns borzeguins Cordoveses;  
Todos os trajos Franceses  
Quem quer os quer já trazer.*

É importante lembrar, como por Antonio da Silva Neves, que os borzeguis eram sapatos proibidos para lavradores e criadores de gado, transformando-se em elemento

de distinção social. Outra questão abordada pelo autor é a questão do luxo e da importação de vestimentas, que ameaçava a importância do sapateiro na sociedade lusitana, ao valorizar a figura do comerciante, seu concorrente direto dentro da estrutura social. Esse dado reafirma nossa tese de que Bandarra, quando critica a sociedade portuguesa, está antes defendendo a manutenção da ordem do que propondo alterações em sua estrutura<sup>20</sup>.

Ainda em relação à situação da nobreza portuguesa, afirma que esta valorizava cada vez mais o dinheiro em detrimento do sangue. Lembremos que no período tratado havia uma diversidade de privilégios, que possibilitava a criação de categorias intermediárias de nobreza, com a aristocracia de corte distinguindo-se das demais, processo denominada de banalização dos títulos de nobreza, por criar estatutos intermediários entre o nobre de sangue e o povo, uma nobreza civil ou política, adquirida pela riqueza ou pela indústria<sup>21</sup>. Esta nobreza era desconsiderada pela de sangue e não utilizava o título de fidalgos, pois o alargamento da definição jurídica não foi acompanhada por sua representação, que continuava presa às antigas imagens e identidades. Esta questão é abordada nas Trovas de Bandarra, que faz referências ao abuso de poder da nobreza, que se vendia por dinheiro:

*IX  
Também sei algo brunir  
Quaisquer laços de labores:  
Bacharéis, Procuradores  
Aí vai o perseguir.*

*X  
E quando lhe vão pedir  
Conselho os demandões,  
Como lhe faltam tostões,  
Não os querem mais ouvir.*

*XI  
Há-de ser bem assentada  
A obra dos chapins largos,  
A linhagem dos Fidalgos  
Por dinheiro é trocada.*

Suas críticas se estendem também aos religiosos, chamando atenção para a indisciplina clerical. Devemos ter claro que Bandarra escreve suas Trovas em um momento de crise do cristianismo, que tem seu auge com a Reforma e Contra Reforma. Esta temática é abordada já na apresentação de suas Trovas, quando denuncia a situação da igreja e a necessidade de mudanças:

*I*  
*Como nas Alcaçarias*  
*Andam os couros às voltas,*  
*Assim vejo grandes revoltas*  
*Agora nas Cleresias.*

*II*  
*Como usam de Simonias*  
*E adoram os dinheiros,*  
*As Igrejas, pardieiros,*  
*Os corporais por mais vias.*

*III*  
*O sumagre com a cal*  
*Faz os couros ser mociços,*  
*Ah! Quantos há maus noviços*  
*Nessa Ordem Episcopal.*

Bandarra não nega sua profissão, dirigindo-se num primeiro momento a um público restrito, formado pela população de Trancoso, e em seguida, para aqueles que atuavam em profissões mecânicas, como é o caso do tosedor que compilou suas Trovas. Utilizava uma linguagem compatível à de seus leitores, além de destacar um elemento que dava confiabilidade à sua obra: o fato de ser sapateiro. Era importante para Bandarra identificar-se com o povo e, ao mesmo tempo, colocar-se numa posição de destaque. Ao apresentar a situação em que Portugal se encontrava, procurava indicar meios para que a ordem fosse restabelecida e, desta forma, seu lugar social fosse mantido. Assim, chama atenção para a necessidade de um chefe que restabelecesse a ordem e encaminhasse Portugal ao seu destino: a conversão de todos os povos e a formação de um Império Universal Cristão.

A espera de um messias, juntamente com as expectativas escatológicas, intensificou-se nos séculos XV e XVI<sup>22</sup>, além da conversão forçada dos judeus ao cristianismo fazer reviver as esperanças messiânicas, que se aliaram às dos cristãos velhos portugueses, de retomada da grandeza imperial e de conversão dos povos. Aquelas se intensificaram após a perda da soberania do reino, possibilitando novas interpretações para as Trovas de Bandarra<sup>23</sup>, pois a figura do messias estava presente em sua obra, que identificava a vinda de um grande pastor morto por inveja de seus inimigos:

*XXV  
Virá o Grande Pastor,  
Que se erguerá primeiro,  
E Fernando tangedor,  
E Pedro bom bailador,  
E João bom ovelheiro.*

*LIII  
Já mataram o grão Pastor,  
Por inveja o mataram:  
Porque era bom guardador  
Das ovelhas bom criador;  
Por cobiça o acabaram.*

O pastor, porém, ressuscitaria para dar prosseguimento às profecias a ele destinadas:

*LXXV  
Já o Leão é experto  
Mui alerta.  
Já acordou, anda caminho.  
Tirá cedo do ninho  
O porco, e é mui certo.  
Fugirá para o deserto,  
Do Leão, e seu bramido,  
Demonstra que vai ferido  
Desse bom Rei Encoberto.*

Ao identificar o rei encoberto com o leão, Bandarra utilizando a simbologia judaica, pois o felino representa a tribo de Judá e os reis davídicos, sendo Portugal considerado descendente desta tribo e seu rei, de David<sup>24</sup>. Alia, novamente, as expectativas dos judeus convertidos às dos portugueses, pois o rei salvador teria origem tanto no sangue

de David quanto na casa real portuguesa, levando muitos a acreditarem, por exemplo, que o duque de Bragança tinha seu sangue misturado com o da tribo de Judá<sup>25</sup>.

Portugal é identificado assim como o povo judeu, herdeiro de seu destino imperial, tendo por missão a expansão da fé e a conversão universal, noções aliadas às de novo mundo e de império. Bandarra entende a História de Portugal como sagrada, fazendo parte de uma tradição profética inaugurada na fundação do reino, com a Lenda de Ourique, reafirmando sua sacralização e seu papel como Reino de Deus na Terra:

---

<sup>1</sup> Doutor em História pela Universidade Federal do Paraná – UFPR. Professor no Centro Universitário Filadélfia – UniFil, onde exerce a função de Coordenador de Pesquisas e Publicações Científicas. Diretor de Assuntos Educacionais do Sindicato dos Professores das Escolas Particulares de Londrina e Região – SINPRO. Autor do livro “Olhares sobre a Colônia: Vieira e os Índios”, pela editora da Universidade Estadual de Londrina – UEL.

<sup>2</sup> AZEVEDO, João Lúcio de. *A Evolução do Sebastianismo*. Lisboa: Presença, 1958.

<sup>3</sup> LIPINER, Elias. *O Sapateiro de Trancoso e o Alfaiate de Setúbal*. Rio de Janeiro: Imãgo, 1993.

<sup>4</sup> *Idem*. p. 28.

<sup>5</sup> MORENO, Humberto Baquero. As Quatro Ordens da Sociedade Quatrocentistas. *Revista Tempo*. Rio de Janeiro: UFF, 1998, no. 5.

<sup>6</sup> Cortes de Évora-Viana, de 1481-1482, proibiam os mesterais de participarem das câmaras, sendo que somente em casos isolados e opor iniciativas individuais alcançava-se cargos na administração municipal. COELHO, Maria Helena da Cruz. Clivagens e Equilíbrios da Sociedade Portuguesa Quatrocentista. *Revista Tempo*. Rio de Janeiro: UFF, 1998, no. 5, pp. 121-145.

<sup>7</sup> BETHENCOURT, Francisco. Os Equilíbrios Sociais do Poder. In: MAGALHÃES, Joaquim Romero (Coord.). *História de Portugal: No Alvorecer da Modernidade*. Lisboa: Estampa, 1997, p. 164.

<sup>8</sup> COELHO, Maria Helena da Cruz. *Op. Cit.*

<sup>9</sup> LIPINER, Elias. *Op. Cit.* p. 20.

<sup>10</sup> Mateus 11, 25

<sup>11</sup> MAGALHÃES, Leandro Henrique. *A Legitimidade da Restauração Portuguesa a partir do Discurso do Padre Antonio Vieira (164-1661)*. Dissertação de Mestrado apresentada junto ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Paraná, 2000.

<sup>12</sup> VIEIRA, Padre Antonio. *Defesa Perante o Tribunal do Santo Ofício*. 2 tomos. Bahia: Progresso, 1957, tomo I, p. 152-157.

<sup>13</sup> “Os humildes e desprezados do mundo são os escolhidos de Deus, e os que mais chega a si e os que só trata familiarmente. Enquanto Moisés foi grande e vivia no Paço do Faraó não teve revelações do céu; mas depois que guardava as ovelhas de Jetro nos desertos de Madian, então lhe apareceu Deus em graça (...). (...) Toda a enchente de sabedoria divina, como diz o texto sagrado, habita em Cristo, e este Cristo quando veio a este mundo, escolheu, para habitar, a casa de um oficial, São Paulo, que foi arrebatado ao 3º. céu. E se lhe revelarão lá os maiores mistérios, era oficial mecânico”. *Idem*. p.156.

<sup>14</sup> CASTRO, D. Iom. *Paraphrase et Concordancia de Algumas Propheçias de Bandarra, Çapateiro de Trancoso*, 1603.

<sup>15</sup> LIPINER, Elias. *Op. Cit.* p. 20.

<sup>16</sup> AZEVEDO, João Lúcio de. *Op. Cit.* p. 10.

<sup>17</sup> NEVES, Antônio da Silva. *Bandarra: O Profeta de Trancoso*. Lisboa: Europa América, 1990, p.40.

<sup>18</sup> HERMANN, Jacqueline. *No Reino do Desejado: a Construção do Sebastianismo em Portugal (séculos XVI e XVII)*. São Paulo: Companhias das Letras, 1998, p. 48.

<sup>19</sup> LIPINER, Elias. *Op. Cit.* p.335, nota 43.

<sup>20</sup> NEVES, Antônio da Silva, *Op. Cit.* p.68-70

<sup>21</sup> MONTEIRO, Nuno Gonçalo. Poder Senhorial, Estatuto Nobiliárquico e Aristocracia. In: HESPANHA, Antonio Manuel (Coord.). *História de Portugal: O Antigo Regime*. Lisboa: Estampa, 1998, p. 297-314.

<sup>22</sup> CHAUI, Marilena. Profecias e Tempo de Fim. In: NOVAES, Aduato (Org.) *Brasil 500 Anos: a Descoberta do Homem e do Mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

<sup>23</sup> SÉRGIO, Antonio. *Breve Interpretação da História de Portugal*. Lisboa: Sá da Costa, 1953.

<sup>24</sup> LE GOFF, Jacques. Escatologia. In: ROMANO, Ruggiero. *Enciclopédia Einaudi*. Vol. 1: Memória - História. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1984.

<sup>25</sup> SARAIVA, Antonio José. *Inquisição e cristãos-novos*. Lisboa: Estampa, 1985.